



**“É legal que os tutores estimulem o cérebro do animal. Podem esconder alguma coisa em casa e deixá-los encontrar, colocar ração sobre uma toalha, enrolar e dar um nó para que encontrem a comida”**

**Rebecca Gonçalves, médica veterinária**

## Check-ups

O acompanhamento profissional é essencial para detectar sinais precoces da síndrome. O diagnóstico da SDC é basicamente clínico, e qualquer alteração de comportamento deve ser avaliada pelo veterinário. Inicialmente, é necessário descartar outras doenças que podem causar sintomas semelhantes, como problemas oftalmológicos, auditivos ou hepáticos.

Quando os sinais são restritos ao sistema nervoso, exames como a ressonância magnética podem ser solicitados para descartar tumores, encefalites ou outras neuropatias. Em relação à frequência, animais jovens e sem sintomas devem passar por avaliação veterinária anualmente. Já a partir dos 7 anos, quando entram na fase geriátrica, o intervalo deve ser reduzido para seis meses.

## Uma história real

Em janeiro deste ano, aos 14 anos, a lhasa apso Charlotte faleceu devido a complicações da idade avançada, entre elas o Alzheimer. Em 2022, sua tutora, Ana Eulália, começou a perceber mudanças drásticas de comportamento e o sofrimento constante do animal. “Ela girava em círculos, mas achávamos que era uma confusão por conta da cegueira que desenvolveu em 2020. Além do mais, latia a noite inteira, passava o dia dormindo, perdia-se pela casa, fazia as necessidades nos lugares errados, não tinha apetite e estava sempre apática”, relata.

A mudança não afetou apenas Charlotte, a família também sentiu na pele a dor do esquecimento.

“Ela nunca foi muito ativa, não era o tipo de cachorro que gostava de correr, se sujar ou destruir coisas. Mas sempre gostou de passear, ganhar carinho, brincar com a minha gata e comer muito. Percebemos que ela estava sofrendo quando até mesmo esse jeitinho tranquilo se perdeu”, lembra.

Lidar com a síndrome foi um teste de amor e resistência. Com zelo, a tutora adaptou a rotina para minimizar o sofrimento. “Nós acordávamos todas as noites, geralmente mais de uma vez, para acalmá-la quando latia. Tivemos que tirar os tapetes do chão, fechar portas de cômodos, levá-la no colo até a caminha e, muitas vezes, oferecer a comida direto na boca. Era como cuidar de um bebê de colo, que precisava de ajuda em todas as partes do dia.”

Como mantra, Ana afirma que é importante lembrar que o envelhecimento é normal e que a forma como lidamos com ele é o que conta no final. “Tenham em mente que toda criatura viva, com sorte, vai envelhecer, e que envelhecer demanda cuidados especiais. Seu pet não deixa de ser seu pet, assim como seu avô não deixa de ser seu avô. É nosso dever, como tutores e amigos, garantir que todas as fases da vida do pet sejam tão saudáveis e confortáveis quanto possível”, conclui.

## Uma nova fase

Com a chegada da velhice, além das mudanças fisiológicas, o ambiente também precisa acompanhar. Passeios diários, piso adequado para evitar escorregões, manejo alimentar correto e a lavagem diária de comedouros e bebedouros são medidas essenciais. Para os mais velhinhos, com dificuldade de locomoção, é interessante elevar os potes de comida e água, além de usar escadinhas ou rampas perto de sofás ou camas. Ter um local reservado para as necessidades fisiológicas também é importante, para que não dependam de ninguém para urinar ou defecar.

A veterinária Rebecca alerta: “Como responsável por cinco animais e como veterinária, acho muito errado o conformismo de alguns responsáveis com o ‘é assim mesmo, ele é velho’. Não é assim mesmo. Enquanto o cachorro viver, é preciso buscar o máximo de qualidade. Fazer adaptações na casa, na dieta, na rotina, nas medicações, para que fiquem livres de dor, com doenças crônicas controladas e felizes junto à família”.

É importante lembrar que o diagnóstico não é o fim. Com carinho, paciência e cuidados adequados, o pet ainda pode viver momentos felizes e com qualidade. O mais importante é seguir as orientações do veterinário e adaptar a rotina para essa nova fase da vida do animal, reforça a veterinária Camila Rocha.

**\*Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**

problemas com enriquecimento ambiental, podem ajudar a prevenir a demência na velhice.

As atividades físicas também são fortes aliadas. “Além de manter o peso, melhoram a oxigenação dos tecidos e diminuem a atividade das citocinas inflamatórias, sem falar dos estímulos mentais. A atividade física dos animais, em geral, tem ligação estreita com o ambiente, estimulando olfato, audição e socialização. Tudo isso protege o cérebro e suas conexões”, relata Rebecca.

Somando-se à parte física, os estímulos mentais são indispensáveis. “É legal que os tutores estimulem o cérebro do animal. Podem esconder alguma coisa em casa e deixá-los encontrar, colocar ração sobre uma toalha, enrolar e dar um nó para que encontrem a comida. O próprio adestramento é um desafio mental grande e muito benéfico. Roer e lambe também são excelentes estímulos”, explica.

Convém destacar que os mordedores devem ser naturais, sem adição de flavorizantes e sem passarem por processos químicos como branqueamento e cozimento. Para que um brinquedo seja verdadeiramente estimulante, deve ser oferecido em determinados momentos. E, enquanto fazem uso deles, os animais precisam estar sob supervisão.